

Geraldo J. A. Coelho Dias *

Um senhor vinho para Vinho do Senhor. O fabrico e a comercialização dos Vinhos de Missa

RESUMO

Esta comunicação pretende pôr em evidência o «Vinho de Missa». Para tal, explica-se como o cristianismo, na fidelidade ao gesto litúrgico de Jesus, acentuou o valor simbólico do vinho na Eucaristia e incrementou, através dos tempos, a vitivinicultura. Isso, a nível da Europa, foi sobretudo verdade na Idade Média através dos mosteiros beneditinos e cistercienses e de outras instituições eclesíásticas. Em Portugal não deixaram os ditos monges de promover o cultivo da vinha. Por outro lado, tenta-se fazer o levantamento das casas e empresas produtoras do dito vinho nos tempos modernos. Realça-se, assim, o carácter litúrgico do vinho e as regras ou condições que o Código de Direito Canónico e a prática da Igreja Católica instituiu para a validade ritual desse vinho. Na verdade, beber vinho mata a sede, alegra o coração, congrega os amigos, faz a festa, satisfaz os deuses.

Num país vinícola como o nosso Portugal e nas regiões mediterrânicas ou de particular aptidão para a vinha, a vitivinicultura mexe com a vida dos homens. É uma actividade agrícola que, através do vinho, implica comércio, economia, arqueologia, arte, ciência, etnografia, religião e, portanto, tem de ser estudada na interdisciplinaridade. É de todos, por certo, conhecida e sabida a importância do vinho na religião católica, exactamente por causa da celebração da Eucaristia ou Missa. De facto, na fidelidade ao mandato de Jesus, que, depois de beber o terceiro copo do ritual judaico do *Séder* Pascal ou ritual da Última Ceia, ordenou aos Apóstolos «Fazei isto em memória de Mim» (1 Cor. 11,24-25), a Igreja Católica, através dos seus sacerdotes, não tem cessado de repetir em celebrações litúrgicas o gesto de Jesus. O vinho passou então a ser um dos

elementos essenciais das celebrações do culto católico, o que sobremaneira acentua o valor simbólico e religioso do vinho enquanto elemento significativo e representativo do «sangue de Jesus Cristo».

1. O SIMBOLISMO DO VINHO EM DIVERSAS REGIÕES

Desde a mais alta antiguidade, o vinho aparece ligado à religião. Todas as regiões mediterrânicas conhecem a importância do vinho, que o célebre prólogo bíblico consagrou: «Três coisas modificam o homem: a mulher, o estudo e o vinho». Daí a preponderância das três dimensões do valor do vinho: alimentar, social, religioso. Se algumas religiões, como o Islamismo, por razões de moralização, exigem a abstinência do vinho e das bebidas alcoólicas, será, todavia, no Judaísmo e no Cristianismo que a dimensão religioso-simbólica atingirá maior significatividade enquanto símbolo de alegria, de amizade e comunhão, de acção de graças e louvor.

Eurípides (+406 a.C.), nas *Bacantes*, afirmava que «o vinho é o prazer dos homens», antecipando-se à Bíblia que, com a força da inspiração divina, assegurava que «o vinho alegra o coração do homem» (Sl. 103,15). A antiguidade mostrou bem que se o vinho é prazer e alegria do homem e que, por isso, também ele servirá para honrar os deuses, torná-los propícios, apaziguá-los. Na aplicação do vinho ao culto dos deuses, vê-se como em todos os quadrantes geográficos e religiosos os homens souberam estruturar a religião à semelhança da sua vivência e dimensão humanas. Entre outros, lembremos os fenícios com Adónis, os gregos com Dionísio e os romanos com Baco. Todos estes povos adornaram e enriqueceram o seu panteão religioso com o culto destes deuses emblemáticos do vinho.

2. O USO RELIGIOSO DO VINHO NO JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

Nas religiões reveladas do Judaísmo e do Cristianismo, para se atingir o significado profundo do vinho é preciso perceber a relação litúrgica que existe entre a Santa Missa ou Eucaristia dos católicos e a celebração litúrgica da Páscoa dos judeus.

Os católicos, de facto, sempre viram a Eucaristia no contexto da Ceia Pascal judaica, que assumia para aqueles crentes o carácter de verdadeiro sacrifício anamnésico, a recordar a libertação do Egito e é nesse contexto teológico-litúrgico que os Evangelhos Sinópticos a colocam (Mt. 26,17-29, Mc. 14,1-25 e Lc. 22,1-20).

2.1. Na religião judaica, o vinho, de per si, não constituía matéria autónoma dos sacrifícios religiosos; estava sempre ligado à oferta de animais, aos banquetes rituais e às libações dos sacrifícios pacíficos. A linguagem religiosa da Bíblia, no Antigo Testamento, dado o apreço do vinho na vida quotidiana, atribuiu-lhe, inicialmente, um alcance simbólico. O vinho puro e bom simbolizava as boas intenções religiosas, a alegria e a comunhão (Is. 1,22, Ct. 8,2), enquanto que as uvas amargas e o vinho ácido significavam as más disposições, a inimizade, o ódio e, até, a prostituição (Is. 5,2; Jr. 2,21; 25,15-29; 31,19; Ez. 18,2; Sl. 59 (60),5; 74(75),9; Ap. 14,10). Na realidade, até os latinos faziam a aproximação tautológica entre vinho e veneno (*vinum-vevenum*), sublinhando os aspectos prejudiciais e antitéticos do vinho.

Belo e profundamente expressivo é aquele texto do profeta Isaías a quando da invasão assíria no século VIII aC: «O vinho novo está de luto, a videira murcha, suspiram os corações outrora jubilosos. Acabou o som festivo dos tamborins, cessou a algazarra das pessoas em festa, calou-se o som alegre das harpas. Já não se bebe vinho a cantar, tornaram-se amargas, para aqueles que as tomam, as bebidas fortes... Gritam nas ruas: – Já não há vinho! Desapareceu toda a alegria, o júbilo foi banido do país» (Is. 24,7-11).

Porque considerado dádiva de Deus, o vinho entrou no culto judaico. Primeiro na celebração da festa da Páscoa, enquanto rito significativo da alegria dos homens libertados da escravidão e sinal da comunhão com Deus e com os outros. Aliás, dentro do princípio religioso que anima a «*Kachrut*» de Isaías ou pureza legal, Israel é considerado «Vinha do Senhor», conforme garantia o próprio Javé em vários passos dos profetas Isaías e Jeremias: «A vinha do Senhor dos exércitos é a Casa de Israel» (Is. 5,7)!

O chamado ritual ou *Séder* da Páscoa judaica era e é um rito de alcance sagrado celebrado religiosamente em família com elementos de autêntica refeição litúrgica. Um comentário da Michnáh afirma que os judeus, ao longo dos tempos, ao celebrar a Ceia da Páscoa se deviam considerar como se fossem verdadeiros participantes da ceia da libertação no Egipto. Diríamos, em termos cristãos, que a tal ceia litúrgica assumia para os judeus um valor ectópico, quase sacramental. Ainda hoje, a celebração do *Séder Pascal* se impõe aos judeus de todo o mundo, mesmo na Diáspora, como o mais significativo rito da religião judaica, onde, sob a presidência do pai, qual sacerdote narrador da *Haggadáh* ou história da libertação do Egipto, toda a família se congrega e une em memorial sagrado e perene. Trata-se, pois, dum representativo e singular rito de anamnese histórico-litúrgica. Quem não conhece a ementa das sete iguarias do *Séder Pascal* judaico¹ e o ritual dos quatro copos que naquela ceia

¹ *Séder Happesah*.

de comunhão em família todos os judeus deviam beber? O terceiro copo, chamado também «cálice de benção» = «*Kos Habberakáh*» (1 Cor. 10,16), era aquele em que o rito atingia o seu clímax teológico-vivencial. Para os judeus, tratava-se e trata-se dum sacrifício incruento de enorme e singular importância, sobretudo desde que o Templo de Jerusalém ficou desactivado com a destruição por Tito no ano 70 e o culto oficial suspenso e privado de sacerdotes. Passou, então, a ser um ritual eterno, um memorial, «*Zikkaron*», garantia de liberdade e símbolo unificador do povo resgatado da escravidão que, na reunião familiar, simbolizava o povo de Deus para o qual, através da mediação do pai de família, se realizava a sua função sagrada sacerdotal.

Em segundo lugar, o vinho é usado liturgicamente na celebração do Sábado e das festas. A celebração do *Chabbat* semanal começa na tarde de Sexta-feira, ao cair do sol, com aquele gesto simbólico pelo qual o pai de família dá início ao rito do *Qidduch*, Santificação ou inauguração do Sábado. De copo de vinho na mão, em sinal eucarístico, o pai recita um trecho de alcance litúrgico em que manifesta a gratidão do Povo Eleito de Javé pela benevolência com que lhe concedeu o Sábado Sagrado, recordando os benefícios da Criação e da Libertação da escravidão do Egípto². Havia também o *Qidduch* para os dias de festa religiosa.

Diga-se que, à mesa, nada tomam os judeus praticantes sem pronunciar uma oração de benção, que é especialmente significativa no caso do cálice de vinho, que do pai passa de mão em mão para toda a família reunida em celebração cultural. Essa benção sobre o vinho («Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, que desde a eternidade criaste o fruto da vinha») havia de inspirar, na última reforma litúrgica da Igreja Católica, a oração da oferta eucarística do cálice da celebração: «Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo, pelo vinho que recebemos da vossa bondade, fruto da videira e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos, e para nós se vai tornar vinho da salvação».

2.2. A estes dois ritos judaicos, é que o Cristianismo foi buscar o uso litúrgico do vinho.

Com efeito, foi no contexto da celebração do *Séder* Pascal, ou ceia ritual com os apóstolos na Última Ceia que Jesus instituiu o Sacramento da Eucaristia, narrativa exarada em texto da tradição Sinóptica, isto é, comum aos três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, os quais, por apresentarem textos muito semelhantes, se chamam Sinópticos. Esse acontecimento é repetido por S. Paulo na I Epístola aos Coríntios, talvez o texto litúrgico mais antigo do cristianismo e que impõe, de forma explícita, o mandato litúrgico da anamnese sacramental: «Fazei isto em memória de Mim» (1 Cor. 11,24-25. Cfr. Lc. 22,19). O facto de S. Paulo referir o

² *Séder Hattefiloth*.

Um senhor vinho para Vinho do Senhor. O fabrico e a comercialização dos Vinhos de Missa

mandato litúrgico, posto na boca de Jesus, talvez seja já a confirmação da prática cristã assumida e realizada pela comunidade cristã primitiva sob a designação de «Fracção do Pão» ou Eucaristia.

Diga-se, entretanto, que existe uma discussão teológica entre católicos e protestantes acerca do valor sacrificial ou não da Eucaristia. Tal discussão resulta da interpretação da divergência narrativa que ocorre entre os Evangelhos Sinópticos e o Evangelho de S. João, o qual põe Jesus a ser condenado e a morrer quando no templo se realizava a matança dos cordeiros para os judeus celebrarem a Páscoa (Jo. 17,23) e não faz o relato da instituição da Eucaristia. Que João não relate esse acontecimento e o substitua pelo simbólico lava-pés com o mandato do serviço aos outros (Jo. 13), compreende-se perfeitamente dentro da perspectiva teológica de S. João, tanto mais que já tinha dado extraordinário valor à Eucaristia a propósito do discurso do «Pão da Vida» no capítulo 6º do seu Evangelho. Nesta perspectiva e com os dados de S. João, os protestantes em geral admitem o valor simbólico da Eucaristia, mas dizem que Jesus fez apenas uma significativa refeição de amigos, que a tradição rabínica classifica de *Haberáh*» ou associação de amigos, negando-lhe, qualquer dimensão sacrificial. Portanto, para os protestantes, a Missa não é verdadeiro sacrifício e, por isso não há que ligar especial importância ao vinho, como matéria de sacrifício e negam toda a teologia da transubstanciação ou presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas.

3. AFINAL, O QUE É UM VINHO DE MISSA?

Os cristãos, na sequência do mandato de Jesus («Fazei isto em memória de Mim»), usam o vinho como elemento de eminente importância litúrgica na Eucaristia ou Missa, porque, então, o vinho será suporte sacramental e supratemporal do sangue de Jesus, como Ele próprio afirmara: «Este cálice é a nova Aliança no Meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de Mim. Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha» (1 Cor. 11,25-26; cfr. Lc. 22,19). É a fidelidade a este gesto de Jesus que leva a Igreja Católica a celebrar a Eucaristia ou Missa e a exigir, sob pena de invalidade ou nulidade, que o «vinho de Missa» seja um vinho puro, sem misturas nem adulterações. O grande mestre da Liturgia medieval, Guilherme Durando³ exigia que o vinho da Eucaristia fosse um senhor vinho, o «melhor vinho» (*diligenti studio vinum optimum pro sacrificio sit quaerendum*). Inicialmente, o vinho de missa era tinto porque mais consen-

³ Durandus, Gulielmus – *Rationale divinorum officiorum*. Lib. 4, cap. 42, N° 10.

tâneo com a cor do sangue; por razões práticas de limpeza dos sanguíneos e paramentos é que, desde a Idade Média, a disciplina eclesiástica determinou que fosse branco. Por causa da dimensão sagrada da Eucaristia e para evitar o pecado da crápula ou embriaguez, aos cristãos aconselhava-se moderação na bebida e exigia-se que bispos e sacerdotes não fossem bêbados, como reclamava S. Jerónimo. Mas, na Idade Média e depois, os monges beneditinos de Cluny e seus priorados (Fécamp!) e os monges de Cister com suas abadias consagram muitas das terras dos seus mosteiros na França e Alemanha ao cultivo da vinha e do vinho⁴, quer para uso litúrgico quer para a mesa das refeições, até porque a Regra de S. Bento, escrita no país vinícola que é a Itália, permite, apesar de tudo, o vinho aos monges. São Bento chega mesmo a justificar o uso do vinho às refeições dizendo que, no seu tempo, dificilmente se convenceriam os monges a passar sem ele; todavia, determina com exactidão a medida lícita duma «hémina» de vinho às refeições, pois reconhece que até aos monges o vinho faz apostatar (RB, 40)⁵.

Certamente por causa do uso sagrado do vinho na liturgia da Missa, os artistas medievais gostavam de decorar as miniaturas dos livros com a representação dos trabalhos vinícolas. Neste caso, os «Livros de Horas» constituem exemplos preciosos de ilustração do tema e não falta sequer o aproveitamento simbólico e comovedor do lagar ou da «prensa mística» para significar o sacrifício de Jesus Cristo, que se deixou esmagar e espremer no lagar da Paixão até deixar o seu sangue como alimento e bebida espiritual dos crentes. Sem dúvida, devido a esta dimensão sagrada e simbólica, no período do esplendor do barroco e do ouro do Brasil, um dos elementos que mais encontramos no adorno da talha dourada das igrejas, sacrários e retábulos de altar é o emprego dos símbolos da videira e do cacho de uvas.

Os moralistas e casuístas do Direito Canónico têm-se debruçado sobre a qualidade e validade do vinho de Missa. Felizmente, o Código de Direito Canónico, reformado em 1983, diz apenas no Cânone 924, parágrafo 3, que o vinho deve ser natural da videira e não corrompido: «*Vinum debet esse naturale de genimine vitis et non corruptum*». Declarações do antigo Santo Ofício davam instruções sobre as misturas e quantidades de álcool e expunham as condições de validade e liceidade do vinho a usar na eucaristia⁶. Mas, mesmo assim, na recente edição

⁴ Weber, Andreas Otto – *Studien zum Weinbau der altbayerischen Kloester im Mittelalter*. Estugarda: Franz Steiner Verlag, 1999.

⁵ *Regra do Patriarca S. Bento*. Mosteiro de Singeverga: Edições «Ora & Labora», 1992. Mas não se consegue determinar com exactidão a medida da hémina, que quer dizer metade, pois falta o elemento de referência.

⁶ *Acta Apostolicae Sedis*, XVIII, 969; XXIII, 699; XXV, 44; XXIX, 316-319; 572-573. A declaração mais explícita é do ano de 1879, Vol. XXV, 441.

Um senhor vinho para Vinho do Senhor. O fabrico e a comercialização dos Vinhos de Missa

do Código de Direito Canónico praticamente repete-se o Código de Direito Canónico de 1917, Cânone 815, parágrafo 2.

Tempos atrás, porém, disqueteavam os moralistas sobre o que se devia entender por vinho de Missa, válido e lícito. Em várias empresas produtoras deste tipo de vinho havia mesmo regras rigorosas a seguir na preparação do vinho para Missas.

Deve, portanto, ser natural, isto é, da videira, mesmo de uvas passas, mas não de frutas, como maçãs, pêras, etc, sem açúcar, sem água, mas poderá levar água ardente vínica, até 18%. Nunca, porém, poderá ser quimicamente produzido. Deve, além disso, ser incorrupto ou não substancialmente mudado. Em resumo, qualquer vinho natural e puro, branco ou tinto, maduro ou verde, pode servir como vinho para a celebração Eucarística. A preferência pelo vinho branco resultou apenas duma questão de limpeza e a predilecção pelo vinho maduro compreende-se pelo facto de ser tomado pela manhã e muitas vezes em jejum natural, podendo, assim, evitar a azia.

4. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO VINHO DE MISSA

Sabemos que na Idade Média, os monges beneditinos e cistercienses se dedicaram de maneira particular ao cultivo da vinha, com certeza para garantirem o dito vinho de Missa, sem que, por isso, se deva dar especial relevo à Ordem de Cister. Curiosamente, nos «Estados» dos mosteiros beneditinos portugueses, desde o século XVII, onde se relatam os géneros da cozinha, dispensa e sacristia, nunca encontramos qualquer referência especial a vinho de Missa, por mais que encontremos indicações de pequenas quantidades de vinho maduro, o que talvez indicie a presença do tal vinho de Missa. Os cistercienses da região do vale do Douro, nas granjas dos seus mosteiros de Tarouca, Salzedas e S. Pedro das Águias, sobretudo, se aplicaram à vitivinicultura e nos legaram estímulos para a moderna rota dos chamados «vinhos de Cister», que de Alcobaça se estende até aqui.

Em Portugal, sobretudo depois da criação da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro em 1756, várias empresas se dedicaram ao fabrico de vinho de Missas. A célebre revista «Ora & Labora», do Mosteiro de Singeverga, pioneira do movimento litúrgico em Portugal desde 1954, propagandeava o vinho «Cenáculo» para Missas com aprovação eclesiástica, produzido pela Real Companhia Velha. Pelos dados do Instituto do Vinho do Porto, sabemos que várias companhias da região do Douro produziam vinhos de Missa: Barros, Almeida, o «Tabernáculo», Companhia Agrícola o «Vinho para Missas»; J. Carvalho Macedo «Vinum Sacrificii»; Manuel D. Poças Júnior «Sacro»; e a Casa Ferreirinha o famigerado «Ferreirinha» de Missas. Todos estes produtos estavam sujeitos à apro-

vação eclesiástica do Bispo da Diocese do Porto e tudo isto se passava entre 1948-58, regulado segundo o Instituto de Vinho do Porto por ordens de serviço, só podendo os vinhos ser exportados quando engarrafados ou encascados em garrações com selos de garantia: os engarrafonados em garrações de 5, 10, 20 litros e os encascados em barris de 50 ou 100 litros.

Com a reforma liberalizadora do Concílio Vaticano II, a legislação tornou-se muito laxa e já nem os bispos exigem a aprovação eclesiástica.

Ultimamente, o mais conhecido e usado vinho de Missa é o TABOR, produzido e comercializado pelas Caves Aliança de Sangalhos com aprovação do Senhor Bispo de Aveiro.

Na região do Douro, está a ser muito vendido o Vinho de Missa do Seminário do Espírito Santo, Godim, Régua, quer em garrafas de 75 cl. ao preço de 700\$00, quer em garrações de 5 litros, ao preço de 4000\$00. Trata-se duma casa particular que fabrica um vinho fino, tipo «vinho do Porto», e segue os processos normais do vinho do Porto superiormente determinado na proporção de 420 litros de vinho e 130 litros de água ardente vínica em pipa de 550 litros. Como só fabricam o branco para Missas, a produção não costuma ultrapassar as 18 pipas. Aliás, dada a diminuição dos sacerdotes e o pouco consumo de vinho na Missa, o vinho de Missa é um comércio sem grande quantidade para venda e sem muita margem para lucro, embora não falem por aí os «escorripicha galhetas».

CONCLUSÃO

O vinho de Missa é, na verdade, uma singularidade da Igreja Católica, que, sem dúvida, promoveu a vitivinicultura e nos faz ver a sacralidade deste precioso líquido, que a religião enobrece. Através dele, a Igreja tornou-se credora da arte e da cultura que animam a vida dos homens. Para a arte, aí temos tantos e tão belos cálices, nas igrejas e nos museus, em ouro e prata, ou mesmo em alpaca, que a ourivesaria tem enriquecido. Como ignorar esse cimélio da ourivesaria portuguesa, que é o cálice de Gueda Mendes, oferecido em 1152 ao mosteiro beneditino de S. Miguel de Refojos de Basto⁷, hoje exposto no

⁷ Barroca, Mário – *Descrição e comentário da peça N° 43 da Exposição EUROPÁLIA 91, «Aux confins du Moyen-Âge»*. Lisboa, 1981, pp. 146-148; Gonçalves, António Nogueira – *Estudos de ourivesaria*. Porto, 1984, Primeira Parte, pp. 15-37, 42; Santa Gertrudes, Fr. Bento de – *Cópia de Inscricções...*, BNL – *Códice 897*, fl.7. O cálice de Refojos passou para S. Bento de Coimbra no tempo do comendatário Fr. Diogo de Murça. Em 1834 transitou para o Tesouro da Sé de Coimbra e, depois, para o Museu Machado de Castro, Coimbra, onde está inventariado com o N° 6030 de catálogo.

Um senhor vinho para Vinho do Senhor. O fabrico e a comercialização dos Vinhos de Missa

Museu Machado de Castro, em Coimbra, ou o mais pequeno mas igualmente belo cálice do meu S. Geraldo no Museu da Sé de Braga?

E para a cultura, como não lembrar aquela quadra inspirada do poeta brasileiro Afrânio Peixoto, quando, visitando esta encantadora região do Douro, pôde extático e devoto, numa simbiose ao mesmo tempo de prazer de sentido gustativo e estético, religiosamente católica, beber um cálice do precioso néctar e exclamar:

O Vinho tem os seus passos,
É pisado no lagar.
E Deus que exalta os humildes,
Fê-lo bebido no altar!

Desta forma, percebemos bem o cuidado que ainda merece a produção do vinho para Missas, exactamente porque exigência dum «senhor vinho para vinho do Senhor»! «*Noblesse oblige!*».

